COMUNICAÇÃO, CULTURA e FRONTEIRAS

Coleção Linguagens

Vera Lucia Spacil Raddatz
Karla Maria Müller
(Organizadoras)

COMUNICAÇÃO, CULTURA e FRONTEIRAS

Editora UNIJUÍ
Ijuí
2015

© 2015, Editora Unijuí
Rua do Comércio, 1364
98700-000 - Ijuí - RS - Brasil
Fones: (0__55) 3332-0217
Fax: (0__55) 3332-0216
E-mail: editora@unijui.edu.br
Http://www.editoraunijui.com.br

Editor: Gilmar Antonio Bedin

Editor-adjunto: Joel Corso

Capa: Elias Ricardo Schüssler

Responsabilidade Editorial, Gráfica e Administrativa:
Editora Unijuí da Universidade Regional do Noroeste
do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí; Ijuí, RS, Brasil)

Catalogação na Publicação:
Biblioteca Universitária Mario Osorio Marques – Unijuí

C741 Comunicação, cultura e fronteiras / organizadoras Vera Lucia Spacil Raddatz, Karla Maria Muller – Ijuí : Ed. Unijuí, 2015. – 224 p. – (Coleção linguagens).

ISBN 978-85-419-0155-0

1. Comunicação. 2. Mídias. 3. Fronteiras. 4. Jornalismo. I. Raddatz, Vera Lucia Spacil (Org.). II. Muller, Karla Maria (Org.). III. Título. IV. Série.

CDU : 659.3

Editora Unijuí afiliada:

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Proposta: Esta coleção destina-se a publicações voltadas para a discussão das linguagens em diferentes campos do conhecimento, relacionados aos cursos do Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis, Econômicas e da Comunicação – Dacec – na sua interlocução com outras áreas. Tem como objetivo publicar textos que reflitam sobre as linguagens, a educação e a comunicação, a gestão, as transformações tecnológicas e as interlocuções de saberes na sociedade contemporânea.

Temáticas: Linguagens, educação e comunicação; cultura e identidade; sociedade digital; mídias e tecnologias; criatividade e negócios; gestão, marketing e empreendedorismo.

Conselho Editorial

Adair Bonini (UFSC)
Ana Cristina Matte (UFMG)
Angela Maria Zamin (UFSM/Cesnors)
Beatriz Mariz Maia de Paiva (Departament of Language and Linguistics – University of Essex)
Carlos Gustavo M. Hoelzel (UFG)
Carlos Rafael Luis (Instituto de Linguística, Facultad de Filosofia y Letras, Universidad de Buenos Aires – UBA)
Cicilia Krohling Peruzzo (Umesp)
Claudia Luisa Caimi (UFRGS)
Cleudemar Alves Fernandes (UFU – Universidade Federal de Uberlândia)
Debora Cristina Lopez (Ufop)
Eugênio Merino (UFSC)
Freda Indursky (UFRGS)
Gesualda dos Santos Rasia (UFPR)
Gilvan Muller de Oliveira (UFSC)
Itiro Iida (UNB)
Jean-Marc Dewacle (School of Language, Linguistics & Culture – Birkbeck, University of London)
Julio Cesar Araújo (UFC)
Karla Maria Müller (UFRGS)
Kenny Basso (Faculdade Meridional – Imed)
Leda Veridiana Tfouni (USP)
Lucia Rottava (UFRGS)
Luiz Francisco Dias (UFMG)
Luis Riffo Pérez (Ilpes-Cepal)
Maria Teresa Celada (USP)
Marcela Guimarães e Silva (Unipampa)
Marcos Palacios (Ufba)
Maria Ivete Trevisan Fossa (UFSM)
Maria Onice Payer (Univas)
Marilei Resmini Grantham (Furg)
Mônica Fantin (UFSC)
Nelia Del Bianco (UNB)
Roberto Baronas (Ufscar)
Sirio Possenti (Unicamp)
Solange Leda Gallo (Unisul)
Valdir Nascimento Flores (UFRGS)
Volnei Antônio Matté (UFSM)

Comitê Editorial

Vera Lucia Spacil Raddatz (Coordenação da Coleção)
Lurdes Maria Fröeming
Marcos Paulo Dhein Griebler
Joel Corso

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO
Fronteiras de Comunicação: movimentos, sentidos e semblantes 9
Tito Carlos Machado de Oliveira

PARTE 1
– FRONTEIRAS HISTÓRICAS E CULTURAIS 19

AS FRONTEIRAS DAS ÁGUAS
DO BRASIL MERIDIONAL 21
Tau Golin

LÍNGUAS E IMAGINÁRIO NA FRONTEIRA PLATINA 39
Andréa Weber
Eliana Sturza

BRASIL E HAITI
– Redesenhando Fronteiras e Alteridades nas Interações
Entre Mídia e Imigração Haitiana 63
Denise Cogo

PARTE 2
– AS FRONTEIRAS NA MÍDIA IMPRESSA,
TELEVISIVA E DIGITAL 89

"QUEREMOS CONSTRUIR PONTES, NÃO CERCAS":
Jornalismo Internacional, Conflito e Território 91
Angela Zamin

MÍDIA LOCAL FRONTEIRIÇA:
Do Impresso ao On-Line 117
Karla M. Müller

TELEVISÕES FRONTEIRIÇAS:
Comunicações Compartilhadas 139
Marcelo Vicente Cancio Soares

PARTE 3
– RÁDIO E FRONTEIRAS CULTURAIS 159

IMPLICAÇÕES (I)LEGAIS DA RADIODIFUSÃO NA FRONTEIRA SÃO BORJA (BRA) E SANTO TOMÉ (ARG):
O Caso da Rádio Aurora FM 161
Joel Felipe Guindani
Tiago Costa Martins

RADIOJORNALISMO NA FRONTEIRA
– Especificidades na Produção
e Disseminação do Conteúdo Jornalístico 181
Daniela Ota

FRONTEIRAS CULTURAIS:
O Papel do Rádio Fronteiriço 201
Vera Lucia Spacil Raddatz

SOBRE OS AUTORES 219

APRESENTAÇÃO
Fronteiras de Comunicação: movimentos, sentidos e semblantes

Tito Carlos Machado de Oliveira

Há no presente uma reconfiguração espacial global com um movimento, sem precedentes, de mercadorias entre todos os países. E por ser dialético, é um caminho que estabelece contínuas (re)funcionalizações territoriais, destruindo e reforçando as formas espaciais existentes. Este processo de novos ordenamentos impõe aos viajantes do cotidiano (cientistas, jornalistas, empresários, administradores, entre tantos), severas e perigosas indefinições conceituais, em especial com relação às fronteiras, a ponto de Raffestin[1] alertar: "A representação que a cultura ocidental faz atualmente da fronteira é de uma pobreza tão absurda, que precisa ser alertada, pois ela é a negação de toda uma história."

A fronteira – cujo conceito possui longa trajetória histórica inserida na busca de significados consistentes – é, por conseguinte, um ambiente natural e concreto das movimentações comerciais e interações sociais entre os Estados-nações. São verdadeiros *pontos geográficos de articulação*. Construídas, historicamente, sob o lume de marcada beligerância – como bem expõe Tau Golin ao tratar da construção dos limites meridionais no primeiro texto deste livro –, ou em construção com pactualidades fluidas e intercâmbios substantivos.

---

[1] Raffestin, C. "A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira". In: Oliveira, T. C. M. (Org.). *Território sem Limites*. Campo Grande: Editora UFMS, 2005.

Este *Comunicação, Cultura e Fronteiras*, organizado sob a tutela cuidadosa das pesquisadoras Karla Maria Müller e Vera Lucia Spacil Raddatz, cuja paixão pela fronteira elas não escondem, é um bom exemplo de trabalho sério e comprometido sobre um assunto pautado, quase sempre, com muito desconforto.

Os textos aqui selecionados dão conta de abordar um tema assaz complexo, sem se deixar levar pelos conceitos mitológicos que o cercam. São leituras simples sem cair em simplismos, com apego aos objetos investigados sem cair na defesa cega dos fatos, e com redação abonada por fatos e exemplos, mas fugindo da mera descrição. Enfim, distanciam-se, com sucesso, das interpretações estandardizadas, homogeneizadas e mercantilizadas dos fatos.

Ao que se observa, a intenção dos estudos contidos nesta obra é oferecer subsídios para o entendimento do ambiente fronteiriço, tendo como instrumento de análise o uso das mídias, mas não desprezando os aspectos históricos e a interpretação jornalística dos conflitos.

A mobilidade dos fluxos, mesmo com crise declarada, revisou o ritmo das fronteiras, tanto em volume quanto em importância. Os números mostram que, de maneira geral, as fronteiras têm consolidado um aumento no seu volume populacional e nas atividades econômicas em todos os países da Américas do Sul e do Caribe. Em praticamente todos os países a taxa de crescimento da população nas fronteiras alcançou mais que o dobro do restante da nação. Isto é causa e é efeito da forte função das fronteiras no processo de integração regional. Há um amadurecimento congênito desses territórios como vetores deste processo integracionista, fato que tem contribuído para a ampliação da sua visibilidade e, com ela, um rebatimento crítico e interpretações incompletas sobre seu desempenho.

As fronteiras são espaços heterotópicos. Nelas se empilham vontades, gostos, ruídos, matizes, acumulam-se registros de todos os tempos e múltiplas faces de histórias vividas e histórias oficiais espelhadas ou refratadas, ao mesmo tempo míticas e reais, nos movimentos a sua frente (na visão mais *foucaultiana*).[2] As heterotopias ali localizadas marchetam espaços sociais que só se admitem mediante a presença de um "outro" desigual (conceitual, cultural, linguístico e jurídico) e subjazem uma espécie de *efeito contrário complementar* ao criar oscilações de comportamento e ao engendrar impactos históricos com marcas geográficas próprias (na visão mais *lefebvriana*).[3]

Esta condição heterotópica admite um leque de possibilidades territoriais que, a qualquer momento e espontaneamente, faz com que surjam movimentos de natureza alternativa com capacidade de incubar ideias sedutoras, práticas individuais e ações coletivas com impulsos perturbadores, nem sempre sedimentadas e quase sempre reprimidas.

O texto de Vera Lucia Spacil Raddatz, *Fronteiras Culturais:* o papel do rádio fronteiriço, que bem serviria como Introdução a este livro, trata-se de um límpido e consistente documento sobre o ambiente fronteiriço, em que a "química do lugar", na adequada percepção da autora, é relatada com precisão em seus mais variados semblantes, especialmente quando aborda *as fronteiras culturais*. Ao esclarecer que "uma fronteira não é igual à outra; a fronteira está em permanente construção; a fronteira alimenta-se de si mesma e do conteúdo de quem a atravessa", justifica a existência de um "rádio de identidade fronteiriça," visuali-

[2] Interpretação livre com base em Michel Foucault: *Of Other Spaces* (texto obtido na web em 2000).

[3] Interpretação livre com base em Henri Lefebvre: *La Révolution Urbaine*. Paris: Gallimard, 1970.

zado como produto de "um conjunto de recortes da realidade local", assentando sua brilhante argumentação em um trabalho de campo que envolveu sete emissoras de rádio em diversas fronteiras.

A radiodifusão, em suas mais diversas variações, é um meio de comunicação de massa que nas "...localidades próximas geograficamente (...) compartilham um cotidiano marcado por manifestações sociais, políticas, econômicas e culturais comuns" – como relata Daniela Ota, e sua localização na fronteira Brasil-Paraguai reforçou a conclusão de Vera de que, na fronteira, a rádio tem a função não apenas de informar, mas também de "articular temas de interesse em comum" e, nesse sentido, torna-se uma ideia sedutora e profundamente perturbadora.

Essa percepção também vem à tona na análise dos pesquisadores Joel Felipe Guindani e Tiago Costa Martins. No seu texto ambos deixam claro que o rádio é uma atividade de comunicação que nasce (cf. observação de Amálio, seu entrevistado) da cooperação, mas que no fundo é *geradora de polêmicas*. Daí os enfrentamentos judiciais como os que ocorreram com a Rádio Aurora, na fronteira São Borja (BR) e Santo Tomé (AR) e que podem ser tomados como um belo exemplo.

Sob vários aspectos, as fronteiras se apresentam, no geral e no particular, como lugares de intensa articulação, informação, comunicação, interatividade com complementaridades variadas e dinâmicas, distanciando-se de qualquer aproximação com o conceito de estático e mais particularmente ainda onde as *frentes* se aproximam – as conurbações internacionais emergentes.[4] Nessas regiões entre nações, praticamente

[4] Chamo assim aquele conjunto de cidades que se mesclam territorialmente na fronteira (também concebidas como *cidades gêmeas*) e se utilizam de trocas intensas confirmando um caráter dinâmico e dialético nas suas relações, respondendo positivamente aos processos recorrentes da circulação dos fluxos globais e das vantagens localizadas.

não se passam réguas estabelecendo-se limitações específicas. As linhas que ali se assentam não são fixas, são trementes, movem-se, abarcando um "*todo único*", ainda que pouco harmonioso, que se cobre com um tecido de relações sistêmicas.

Estas cidades juntadas na divisa aproveitam-se da ambivalência para potencializar as oportunidades assimétricas ofertadas por um lado ao outro. Com funções que variam conjunturalmente, tipo câmbio, tributação, mão de obra, etc., associadas às oportunidades complementares histórico-culturais, como idioma, gastronomia, costumes, entre outras, as comunidades conurbadas competem entre si, reduzem deseconomias de continuidade, compartilham crescimento, suscitam novas competências territoriais, demandam maiores relações de mutualidade e, óbvio, acendem rusgas e erguem barreiras.[1]

Neste aspecto, o texto de Marcelo Vicente Cancio Soares é bastante elucidativo ao analisar uma série de emissoras de televisão em regiões conurbadas do Brasil com o Uruguai, do Brasil com a Argentina e do Brasil com o Paraguai. As televisões de fronteira acabam abarcando *um todo* na medida em que avançam com o sinal para o outro lado, expandem a convivência linguística, preocupam-se em noticiar assuntos de interesses convergentes e estabelecem parcerias comerciais, aproveitando-se das variantes da *economia de arbitragem*. Também emitem, no entanto, sinais de separação e ambivalência quando transmitem, em maior parte, uma programação externa. Em todo sentido, como bem relata Cancio Soares, elas (televisões na fronteira) ainda, que possuam características semelhantes às emissoras locais de outros lugares, também produzem "diferenças marcantes".

[1] Da mesma forma que, de maneira concreta, em qualquer lugar das Américas se erguem *espaços cativos de apartamento* (condomínios fechados, guetos e segregações), na fronteira não é diferente: a interatividade transnacional também cria limites – menos concretos e mais gelatinosos, talvez – além daqueles corriqueiramente impostos pela burocracia conjuntural.

Por outro lado, é justo observar que os *efeitos barreiras*[2] na fronteira, ao contrário de alhures, estimulam a criatividade e atitudes subversivas (no melhor dos sentidos), visto que atiçam a curiosidade e o conhecimento mais amplo sobre as partes e suas afinidades, caminhando no sentido de prosternar as argileiras incididas e construir identidades com códigos e hábitos próprios, típicos de um ambiente entretecido por negócios formais, interações funcionais e sorções ilícitas. Essa ótica traduz-se no envolvimento preferencial de quase todos os textos da presente obra.

Uma consistente atitude de imposição de limites e de, paradoxalmente, atuação subversiva, é a utilização política – por vezes geopolítica – da linguagem pelos fronteiriços: ora se apresenta como instrumento de *barreira* quando reforça a identidade nacional (como bem relata Karla Maria Müller no seu texto), pontuando um visível sentido de separar e barrar qualquer interlocução; ou, o inverso, quando *mistura* línguas com visível sintonia de *continuum*, "apresentando diversificadas situações de contato e intercâmbio," subvertendo ordens e conceitos, como relatam Andréa Weber e Eliana Sturza (Texto, 2). É possível concordar com a afirmação de Andréa e Eliana quando afirmam que existe, na fronteira, uma espécie de "*língua local fronteiriça*, que concebemos como uma língua de uso comunitário, com forte vinculação a um espaço socioterritorial".

Por tudo, as regiões de fronteiras são, de todo modo, espaços excepcionais para construir estudos e projetos de integração econômica e social. São espaços privilegiados de experimentação, posto que são territórios que confluem interesses aparentemente dicotômicos ao atrelar as relações de contiguidade (entrelaçamento das populações locais

[2] Nijkamp, P.; Batten, D. "Barriers to communication and spatial interaction". In: *The annals of Regional Science*, Bellingham. Vol 24, n. 4, p. 233-236. Boston. 1990.

dentro de uma lógica horizontal), com as relações de institucionalidade, (sobreposição de diferentes interesses verticais de Estado e de empresas), por meio de mecanismos criativos e engenhosos.

Cruzar as fronteiras algumas vezes ao ano é – ou pode ser – uma atitude de cosmopolitismo; mas cruzar a fronteira todos os dias, ou até várias vezes ao dia, é um ato de revolução. É necessário observar que as trocas corriqueiras no território fronteiriço são ditadas pela inclemência das necessidades orgânicas: comer, vestir, etc., e por preceitos intangíveis: desejo, amor, fazendo com que o ato de transgredir, violar, infringir, signifique, para a população fronteiriça, na maioria das vezes, o imperativo ato de sobreviver e/ou resistir; caso fosse diferente, perderia seu significado. Esse deslocamento cotidiano de transeuntes faz nascerem e se materializarem circuitos íntimos com minúsculos sistemas de redes interativas subversoras aos interesses das nações.

Do mesmo modo que os fronteiriços e suas "cidades internacionais" ante o imbricado interesse das necessidades individuais, dos enlaces locais, dos interesses regionais, das determinações nacionais e dos circuitos globais, ficam impelidos a promover, compulsoriamente, uma *ruptura* dos seus conceitos, estimulando por consequência, um *reposicionamento* de postura mais rápido do que noutros lugares. Estão aqui, possivelmente, os principais fundamentos da sua diferença.

Gosto de dizer que a fronteira é essencialmente subversiva ao promover destruições criativas e é analiticamente difícil de ser compreendida pelo pensamento convencional "mais civilizado".[3]

Com leveza e sem dificuldades, Karla Maria Müller analisa e interpreta a fronteira tendo como objeto de estudo a mídia local na sua passagem do impresso ao *on-line*. Mais que isto, Karla Müller faz um

[3] Leia-se: ocidental, branco, formal, linear e hegemônico.

recorte histórico de sua trajetória como pesquisadora da mídia na fronteira – do Brasil com a Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai – em quatro seguidos ciclos de pesquisa, demonstrando quão áspera e necessária é a conexão conceitual e a independência de posição. A seriedade e o compromisso com que a autora desdobra sua argumentação em suas pesquisas e textos vêm legitimando-a como a mais importante investigadora sobre as condições e o papel da *mídia na fronteira* na atualidade.

Os ensinamentos decorrentes de suas análises, as quais consideram a mídia como "agentes que, através de seus modos e estratégias de operação, influenciam e reforçam comportamentos e atitudes que, no caso específico, correspondem à(s) cultura(s) e identidade(s) fronteiriças", subvertem a ordem do pensamento convencional e, ao mesmo tempo, não caem no simplismo de se confluir com a ideia da defesa de um avesso sincrônico ao estabelecido pela mídia nacional – fronteira como um conjunto de problemas.

Assim como transparece em, praticamente, todos os outros textos, nem tudo na fronteira é solução e tampouco é dissolução. A fronteira tem dificuldades e não são poucas. Se ali existem dispositivos para se fazer uma verdadeira revolução no sentido da integração latino-americana, não significa que tal fato esteja na pauta de todos os fronteiriços, agentes e dirigentes.

Os fundamentos que ditaram o processo da união da Europa, tantas vezes repetidas por *Jacques Delors*[4]*:* "... a competição que estimula, a cooperação que fortalece e a solidariedade que unifica", nas fronteiras latino-americanas esses mesmos fundamentos referenciam a observação de que apenas a competição mercantil estabelece-se e se fortalece, enquanto a cooperação e a solidariedade são, voluntariamente, ofereci-

[4] Presidente da União Europeia entre 1985 e 1995.

das pelo conjunto dos indivíduos enquanto são estéreis para a maioria das instituições. Há, portanto, um descompasso, possivelmente proposital. Esse fato é evidenciado enfaticamente quando se coloca em pauta a deflagração da diáspora haitiana e a chegada dos *desplazados* na fronteira Acre, Peru e Colômbia como "geradora de uma ambiência securitária e criminalizadora", consistente no texto de Denise Cogo.

As cidades conurbadas na fronteira são intimamente coletivizadas e "flexíveis" nas atitudes do uso do território e nas vicissitudes decorrentes; contudo, contraditoriamente, são densamente "fixas" e autônomas na gerência dos seus serviços públicos. Tive a oportunidade de ressaltar, em outros textos, que naquele ambiente internacional de uso compartilhado há uma conta que não fecha: os problemas com a manutenção urbana são multiplicados enquanto as vantagens com o desenvolvimento e lucratividade são divididas.[5]

Tal fato faz com que as administrações municipais em boa parte das cidades fronteiriças possuam um arcabouço administrativo preso a conceitos que não consideram a condição geográfica como algo positivo. Ou, muito pior, quando buscam relacionar os seus problemas à condição de ser fronteira.[6]

Nestes termos, falar de fronteiras não é uma tarefa fácil. Já perdi a conta do número de vezes que li e ouvi diagnósticos que desconsideram as excentricidades da imposição geográfica às lides fronteiriças, conferindo, tanto a quem escreve ou a quem fala, uma severa imposição

[5] Em: Oliveira. T. C. M. "Frontières en Amérique latine: réflexions méthodologiques" (*Espaces et Sociétés*. 138: 3, 2009).

[6] Tempos atrás, em uma reunião de prefeitos de cidades de fronteira – que tive o desprazer de presenciar –, a tônica dos discursos era, majoritariamente, "lagrimar" sobre as condições negativas da fronteira. Sucintamente: para a maioria dos administradores, a fronteira jamais é uma potencialidade e sim um estorvo, e o erguimento de muros, a solução mais viável.

à reflexão sobre os componentes particulares da situação fronteiriça – de cada fronteira em particular, inclusive – para que as interpretações não sejam minadas pela incompletude dos fatos.

Essa incompletude, contudo, é inexistente quando se faz a leitura do texto de Angela Zamin: ancorada em uma bibliografia científica rica, esta pesquisadora faz uma análise de quatro editoriais do jornal *O Estado de S. Paulo,* tendo a fronteira como elemento de retenção do discurso. Com a profundidade necessária, Angela Zamin analisa e destrói as diversas associações negativas narradas nas reportagens que se reportam às "fronteiras russas", às "fronteiras da Venezuela" e às "fronteiras do Oriente Médio".

Destaco, pois, que é necessário olhar a fronteira em todos os seus semblantes, não analisá-las apenas pelo viés das palavras comercializadas pelos interesses da ideologia de plantão ou pela demasiada convicção da lógica formal. Devemos ter o cuidado com as armadilhas do empirismo estrito e com a sedução dos verbetes da doutrina vencedora. E este cuidado é tomado com muita competência pelos autores que contribuíram com seus conhecimentos e saberes neste livro.

Um boa leitura.

Parte 1

FRONTEIRAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

AS FRONTEIRAS DAS ÁGUAS DO BRASIL MERIDIONAL

Tau Golin

Desde a origem de sua ocupação, o atual território pertencente ao Rio Grande do Sul, o mais meridional do Brasil, teve multiplicidades de fronteiras. Quando os primeiros navegadores europeus começaram a bordejar pela costa atlântica, o espaço era dominado por, no mínimo, quatro povos indígenas, além de diversas outras etnias. As suas histórias foram determinantes na conquista territorial ibérica. As divergências europeias adequaram-se às animosidades autóctones, ou um mesmo tronco dividiu-se em alianças com os conquistadores, incidindo em suas guerras e ocupações.

Na dimensão do atual Estado sul-rio-grandense, os Gê, Guarani, Minuano e Charrua, notadamente, viviam alianças e conflitos centenários. O de maior implicação colonial foi os dos Guarani missioneiros com parte dos pampianos – especialmente os Minuano e, de alguma forma, os Charrua. Ao sul, a transformação dos territórios Minuano em estâncias das Missões jesuíticas, administradas e policiadas pelas milícias indígenas, notadamente Guarani, inclinou-os para alianças com os portugueses, evidenciadas no século 18. A intrusão no Planalto, por sua vez, conflitava-os com os Kaingang – ou Xokleng –, que defendiam suas matas de araucária, de onde obtinham o pinhão, e os ervais, dos quais extraíam a erva-mate, ambicionada e transformada em produto de exportação pelos missioneiros. Tais grupos viveram permanentemente

em conflitos, com guerras entre eles, ou convivendo por alianças e negociações, a exemplo, em alguns casos, do pagamento de extração da erva pelos missioneiros aos Kaingang.

No movimento ocupacional sul-rio-grandense, de forma mais efetiva, Portugal aproximou-se pelo Atlântico, e a Espanha pela bacia do Prata, em especial pelo Rio Uruguai. Depois de penetrações no território, na segunda metade do século 18, o rio Jacuí e a Serra de Tapes, com a Lagoa Mirim, instituíram-se como divisórias topográficas.

O processo de ocupação dual começara ainda no início do século 16. Desde Buenos Aires e Paraguai, os espanhóis movimentaram-se na ocupação territorial, regidos pelo Meridiano de Tordesilhas. Esta progressão oeste-leste tinha o seu contrário na ocupação costeira atlântica pelos portugueses. Foi da plataforma litorânea que os luso-brasileiros empreenderam a conquista do sertão, na entrada para o oeste.

Espacialidade líquida

Geopoliticamente, a expedição naval de Martim Afonso de Sousa deu o primeiro passo significativo, depois que Juan Días de Solís e Sebastião Caboto, sob bandeira espanhola, aportaram em Santa Catarina, em suas viagens ao Rio da Prata. Em 1531-1532 os portugueses irmãos Sousa percorreram a costa e deixaram informações substanciais. Pero Lopes fez diversas descrições e plotou coordenadas de latitude. Retornou a Lisboa em janeiro de 1533. Um ano depois, em 1534, resultado das informações trocadas na Corte, na latitude aproximada do Canal do Rio Grande, um estuário foi desenhado na *Carta náutica do oceano Atlântico e mar Mediterrâneo*, do português Gaspar Viegas. A colônia do Brasil havia sido dividida em *capitanias hereditárias* por D. João III quando a armada de Martim Afonso estava na América e nomeados os seus donatários.